

AS FAÇANHAS DA PERSONAGEM HEROICA ROSA PALMEIRÃO, DE MAR MORTO, EM VERSOS DE ABC

Marcelo Barbosa dos Santos¹

Resumo: O texto propõe mostrar que o escritor Jorge Amado (1912-2001) destaca a personagem Rosa Palmeirão como heroína em sua narrativa *Mar Morto* (1936), por meio de versos de ABC de cordel que podem evidenciar o exagero, um elemento básico da literatura de cordel e importante do estilo popular (CURRAN, 1981), a respeito desta mulher. Este exagero dá a esta narrativa de Amado um caráter heroico ao enaltecer os modos de vida dessa personagem simples, humilde, lutadora e valente. Assim, para contar as histórias de vida de Rosa Palmeirão, Amado emprega como técnica estilística básica o método narrativo utilizado por contadores de histórias como ele que, ao adotar esta técnica empregada pelos poetas populares, desempenha o papel de um cordelista por criar histórias (CURRAN, 1981) de personagens fictícios representantes do povo baiano-brasileiro.

Palavras-chave: Rosa Palmeirão. Heroína. Versos de ABC.

INTRODUÇÃO

Este texto propõe mostrar que o escritor Jorge Amado (1912-2001) dá ênfase às performances e modos de vida da personagem

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de Pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Especialista em Letras, Graduado em Letras, Pedagogia e Serviço Social. Professor efetivo da Educação Básica da rede pública municipal de Palmas-TO. Orientadora: Andréa Betânia da Silva. Endereço eletrônico: professormarcelobarbosa@gmail.com.

feminina Rosa Palmeirão do romance *Mar Morto* (1936), por meio dos versos de ABC de cordel.

Estes versos de ABC podem evidenciar exageros ao destacar as posturas e atitudes dessa mulher-personagem. Fato que a torna heroína desta narrativa ao enaltecer os seus modos de vida que consequentemente darão a este romance um tom heroico.

Assim, ao contar as estrepolias desta personagem, Amado utilizou da narração, uma técnica básica usada pelos poetas populares e contadores de histórias como ele. Esta técnica inaugura a primeira parte deste texto que dá margem para as discussões seguintes acerca das façanhas ou feitos da personagem destemida e emblemática Rosa Palmeirão, feita em Iemanjá a vinte anos.

A TÉCNICA DE CONTAR HISTÓRIAS

O método narrativo é a técnica estilística básica utilizada pelo contador de histórias para narrar os modos de vida simples do povo. No introito do romance *Mar Morto* (1936), Jorge Amado emprega a oralidade como uma estratégia para se aproximar destes contadores e/ou poetas populares para caracterizar essa narrativa literária, elaborada “ao estilo do ABC nordestino da literatura de cordel” (SAMPAIO, 1996, p. 27), desta técnica da contação de história.

Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros, sabem essas histórias e essas canções. Eu as ouvi nas noites de lua no cais do mercado, nas feiras, nos pequenos portos dos Recôncavos, junto aos enormes navios suecos nas pontes de Ilhéus. O povo de Iemanjá tem muito que contar. Vinde

ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívia, que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e dificilmente um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de D. Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem. (AMADO, 1936, p. 7)

Nota-se que a atitude e a técnica empregadas por Amado neste excerto e que se encontram em toda a sua produção literária são as mesmas utilizadas pelos poetas populares. Alguns estudiosos afirmam que Amado percorre um caminho dentro da cultura popular nos romances da década de 60. Cultura esta que é fruto do choque das diversas culturas que se encontraram no Brasil e sintetizou os elementos de todas as outras (COSTA, 2015).

A primeira estudiosa a dar importância à cultura popular (poesia do povo) na obra de Jorge Amado foi a professora Doris J. Turner (1928-2007). Ela destacou o estudo estilístico de Jorge Amado nas narrativas: *Jubiabá* (1935), *Gabriela, cravo e canela* (1958) e em *Os Velhos Marinheiros* (1961).

Em *Jubiabá* (1935), Turner (1928-2007) diz que Amado se tornou artístico e vital ao empregar as tradições populares. A ação dele pauta-se em dois motivos: o primeiro em trazer a vida do povo ao livro, e o segundo é suplementar o protesto para construir a consciência de classe. Turner (1928-2007) reafirma “que foi a influência do escritor social John dos Passos que levou Jorge Amado à técnica de incorporar à sua literatura uma grande variedade de elementos populares, para manter seu contacto com o povo” (CURRAN, 1981, p. 19).

De acordo com o que foi dito, a narrativa *Gabriela, cravo e canela* (1958) mostra a influência da literatura de cordel na estrutura do romance. A professora Turner (1928- 2007) ainda afirma, segundo Curran (1981), que Amado utiliza a cultura popular e os folhetos para captar as técnicas folhetinescas empregando o narrador popular, a verdade e o exagero, que são três elementos básicos da literatura de cordel/literatura popular em versos (MATOS, 2010), para expressar a sua solidariedade com seu povo e sua cultura popular em toda a sua obra.

Essa professora também explica as conceituações ideológicas básicas de Amado que se ligam à cultura do povo. Para ela, as produções literárias desse autor são como folhetos em prosa. Seu estudo foi o primeiro que isolou elementos característicos da poesia popular empregados por Amado em sua obra como técnica estilística.

Segundo Curran (1981), o pesquisador Jon Vincent (1970) estudou com precisão a importância da cultura popular no campo das ideias (ideologia) e da política de Jorge Amado. Para esse pesquisador, Amado destaca a superioridade das comunidades invisibilizadas ao dar uma orientação ética ao romance para ressaltar o que o povo tem de melhor, haja vista que o autor utiliza da linguagem, dos ritmos e da ideologia da cultura popular para construir uma mensagem revolucionária.

A respeito das técnicas de narração utilizadas por Amado é importante ressaltar que ele cria no leitor a impressão de ser o próprio narrador oral ao empregar o estilo do contador de histórias ou do poeta popular da literatura de cordel que defende o povo ao contar suas histórias empregando muitas vezes a ironia e a hipérbole que evidencia o exagero, o nunca visto e o nunca ouvido.

Tudo isso parece contradição quando deparamos que ele escreve sobre um povo simples, rude e humilde que é herói, lutador e valente que serve como exemplo e modelo para a humanidade, segundo Curran (1981). Uma vez que

esse exagero é um dos elementos mais importantes do estilo popular que tomou emprestado à cultura do povo o escritor erudito Jorge Amado, elemento também básico à literatura de cordel. É este exagero que realmente dá o tom heroico aos romances de Jorge Amado. (CURRAN, 1981, p. 23)

No seu romance *Mar Morto* (1936), há um capítulo dedicado à personagem *corpus* deste texto cujo título é: *Acalanto para Rosa Palmeirão*. Podemos inferir que o título deste capítulo dá um tom popular ao texto que evidenciará as narrativas de vida desta personagem contadas ou cantadas pelo velho Francisco (tio de Guma-protagonista) que tudo conhece pelo fato de dominar o território (LEITE, 2021) do mar e do cais baiano. Sendo assim, considerado por alguns críticos um griô² e/ou um tipo de poeta popular que costumava cantar versos de ABC nas noites em que saem poucos saveiros do cais ressaltando os acessórios, a valentia e a beleza do corpo da destemida Rosa Palmeirão:

Rosa Palmeirão tem navalha na saia,
Tem brinco no ouvido e punhal no peito,
Não tem medo de rabo de arraia,
Rosa Palmeirão tem corpo bem-feito.
(AMADO, 1936, p. 52)

O efeito que esta técnica exerce sobre o leitor é simplesmente dar um tom popular às histórias cantadas/contadas

² Griô e Griota constituem-se em contadores e contadoras de histórias que são fundamentais para a permanência da humanidade: são como um acervo vivo de um povo. Carregam nos seus corpos histórias, lendas, feitos, canções, lições de vida de toda uma população, envoltos numa magia própria, específica dos que encantam com o corpo e com sua oralidade (BRANDÃO, 2006, p. 36 apud SANTOS, 2013, p. 55).

ou ainda recitadas pelos poetas nas feiras para um público simples. Uma vez que elas falam da verdade que está sempre presente nos folhetos de cordel que promete uma história rica e interessante: o comum do povo pobre e simples.

É interessante destacar que o método narrativo é a técnica estilística básica utilizada pelo contador de histórias para contar a história simples do povo, por isso, destacamos que desde o início da narrativa *Mar Morto* (1936), Jorge Amado adota a técnica da contação de histórias exemplificada no verso: “Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia” (AMADO, 1936, p. 7).

As atitudes e as técnicas empregadas por Amado são as mesmas utilizadas pelos poetas populares. Segundo CURRAN (1981) isso não é coincidência, haja vista que o escritor erudito está ciente delas e quer empregá-las.

AS FAÇANHAS DA DESTEMIDA ROSA PALMEIRÃO EM VERSOS DE ABC

Amado desempenha o papel de um poeta de cordel por criar histórias (CURRAN, 1981) que salientam as façanhas de uma personagem muito emblemática que possui ABC cantado pelo seu Francisco:

Rosa bateu em seis soldados
Na noite de São João.
Chamaram seu delegado,
Ele disse: - Não vou lá não.
Veio toda a puliça,
Ela puxou o punhal,
Foi medonho o rebuliço,
Foi uma noite fatal.
(AMADO, 1936, p. 53)

Os livros de Amado se fundamentam numa base cultural particular, talvez por isso emprega a fala popular em seus romances para recriar o que vive e o que o povo diz de suas histórias. Neste

caso a opinião do poeta popular dá relevância ao relato e o narrador é direcionado ao leitor como técnica inspirada na oralidade e no folheto de cordel.

O poeta popular é um repórter dos acontecimentos do sertão. Talvez por isso, Jorge Amado utilizou desse narrador popular (Francisco), que é um informante, para aplicar o método de reunir as informações para escrever e/ou contar as histórias de Rosa Palmeirão, assim como o tom empregado nos versos de ABC dessa personagem que são evidentes desde o início de seu capítulo.

Desta maneira, Amado resguarda a visão que o povo tem do poeta popular, haja vista que enquanto escritor e criador constrói um narrador popular para resgatar as histórias da força do povo em suportar a miséria e sobreviver, dando-lhes vida por meio de suas personagens, como da heroína em questão. A maioria dos temas que Amado emprega em suas narrativas para dar autenticidade à sua obra são tomados de empréstimos dos folhetos de cordel: a desgraça, a pobreza e a tristeza do povo em comparação à alegria e à riqueza das pessoas de um nível social elevado.

Além dessas temáticas, na narrativa *Mar Morto* (1936), o narrador onisciente destaca a fome e a violência doméstica direcionadas à personagem Rosa Palmeirão quando afirma que ela “sofreu fome, que dinheiro ele não tinha, sofreu pancada nos dias de cachaça de Rosalvo, sofreu mesmo que ele andasse com outras mulheres” (AMADO, 1936, p. 85).

Contudo, após o filho que ela esperava ter nascido morto por causa da beberagem que tomou dada por seu companheiro, ela virou “a Rosa Palmeirão da navalha e punhal e o deixou morto junto ao violão” (AMADO, 1936, p. 85).

Segundo Curran (1981), no caso de *Teresa Batista cansada de guerra* (1972), o heroísmo acontece quando ela combate as forças da morte contra a bexiga negra. Devido aos acontecimentos na vida de Rosa Palmeirão, personagem emblemática, podemos inferir que talvez ela se torne uma heroína ao combater os abusos da sociedade patriarcal materializados nas atitudes de Rosalvo, seu ex-companheiro. A partir daí ela ganhou versos de ABC de cordel que cantava o seu heroísmo enaltecendo a sua valentia e a sua bravura:

Se de dia era valente,
Valente como ela só...
De noite era diferente,
Dos homens ela tinha dó...
(AMADO, 1936, p. 54)

Percebemos que o ABC de cordel foi a forma poética popular mais utilizada por Jorge Amado em seus romances. Foi utilizado para indicar a forma heroica, para contar/cantar um acontecimento ou resumo da vida de personagens heroínas populares como Rosa Palmeirão que não tem medo e, por isso luta para escapar de uma sina injusta.

Os vários versos de ABC de cordel citados neste texto tratam das façanhas ou proezas heroicas desta personagem que como Tereza Batista é a heroína que simboliza o povo oprimido que tem fome, mas que não se deixa vencer. Representa as mulheres que sofrem ou sofreram violência doméstica, mas que não deixam ser derrotadas.

Neste sentido, ela se assemelha mais uma vez à personagem Tereza Batista e com o povo brasileiro sofrido. Contudo, nunca derrotados, vencidos ou dominados. Mas identificada com os heróis e heroínas da literatura de cordel porque tem um pouco de pícaro, da mulher brava e valente que sonha ser um dia amada.

CONCLUSÃO

Jorge Amado é o romancista do povo e presta solidariedade aos narradores populares, aos poetas, trovadores e cegos violeiros (CURRAN, 1981) ao adaptar a forma e o tema da literatura popular para construir seu assunto particular em seu romance.

Assim, ele aproveita o conceito da literatura popular: a valentia, e o adapta para a construção de suas narrativas empregando a técnica de contar os acontecimentos do mundo real por meio da ficção (narrativas de Rosa Palmeirão) que se assemelha com a realidade vivida pelo povo baiano-brasileiro. Ao fazer isso, ele busca imitar o narrador popular da literatura de cordel que além de o inspirar na construção de vários temas (ARAUJO, 2012), apresenta o método de recolher dados de conversas nas viagens ou "andanças" que fez pelas feiras de todo o sertão baiano.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Mar Morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, Jorge. *Mar Morto*. Posfácio de Ana Maria Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARAUJO, Jorge de Souza. Dionísio & Cia. na moqueca de dendê: Desejo, Revolução e Prazer na obra de Jorge Amado. Itabuna: Via Litterarum, 2012.

CÂMARA, Ricardo Pieretti. Oralidade e escrita na obra de Jorge Amado. In.: D'ANGELO, Biagio; SILVA, Márcia Rios da. *Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

CASTRO, Yeda Pessoa de. As Vozes do Saber. In.: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador, v. 103, p. 13-24, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/profe/Downloads/88889-Texto%20do%20artigo-126402-1-10-20141216%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/profe/Downloads/88889-Texto%20do%20artigo-126402-1-10-20141216%20(3).pdf). Acesso em: 27/12/22.

COSTA, Edil Silva. *Literatura oral e popular*. Salvador: EDUNEB, 2014.

COSTA, Edil Silva. Narrativas orais na contemporaneidade: Conexões e fissuras. In.: *Sentidos da cultura*. Belém-PA. ano 2. n.2. jan-jun 2015.

CURRAN, Mark J. *Jorge Amado e a Literatura de Cordel*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981.

DIMITROV, Eduardo. O Brasil dos espertos: uma análise da construção social de Ariano Suassuna como criador e criatura. São Paulo: Alameda, 2011.

KOTHE, Flávio René. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

LEITE, Gildeci de Oliveira. Amado axé de Mar Morto. In. LEITE, Gildeci de Oliveira; SARAIVA, Filismina Fernandes; PRADO, Thiago Martins Caldas. *II Webinário estudos amadianos: 20 anos de permanência*. Salvador, BA: Quarteto Editora, 2021.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco Narrativo*. São Paulo: Ática, s/d.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: Poética, Corpo e Voz. In.: MENDES, Simone. *Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

NISKIER, Arnaldo. Jorge Amado e a literatura Brasileira. In.: SANTOS, Flávio Gonçalves dos; RODRIGUES, Inara de Oliveira; BRICHTA, Laila. *Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura*. Ilhéus, BA : Editus, 2013.

SAMPAIO, Aluysio. *Jorge Amado, o romancista*. São Paulo: Maltese, 1996.

SANTOS, Marcelo Barbosa dos. Uma leitura arquetípica do feminino em Mar Morto, de Jorge Amado: o sagrado e o humano, com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2808>. Acesso em: 01/06/2022.

SILVA, Andréa Betânia da. A cantoria e a rota da oralidade na construção dos sentidos. In.: MENDES, Simone. *Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.